

A potência educativa do documentário: encontro de saberes¹

Betânia Maria Vilas Bôas Barreto²
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Resumo

Pensar as possibilidades educativas para meios comunicativos é a tônica do presente trabalho. O enfoque volta-se para a reflexão de perspectivas dialógicas na construção crítica e criativa do gênero documentário. Balizamos-nos, para este fim, em autores como Rosa (2019), Morin (1998), Boff (1999) e Bauman (2001, 2004), que pensam a sociedade do conhecimento, do consumo e da comunicação; Nichols (2005, 2016), Ramos (2008) e Salles (2005), trazendo os pressupostos e convenções do documentário; e, por fim, Freire (1987), Buber (1977), Pereira e Fossá (2021), Kaplún (2003), Akhras (2010) e Jacinto (2021), que dissertam sobre a interlocução entre a comunicação e educação, os processos de construção de materiais educativos, e a concepção de uma ética dialógica para a produção de documentários.

Palavra-chave: Comunicação; Educação; Documentário; Ética dialógica.

1. O início do diálogo

O campo de interesse no qual nos encontramos — o da interlocução entre comunicação e educação — sempre focou nas dimensões educativas dos saberes e fazeres comunicativos na atualidade. Sob este olhar, nos questionamos neste trabalho, sobre os modos como estes processos, mais detidamente sobre a produção de documentários, podem ser direcionados não apenas para a perpetuação de ideologias e pensamentos que consolidem o *status quo* vigente, constituído por perspectivas instrucionais, mercadológicas, elitizantes e tecnicistas, mas buscando debater transformações significativas nas idealizações de produções audiovisuais, assumindo, de fato, dimensões educativas em seus processos produtivos. Assim, nosso intento aqui é discutir possibilidades e estratégias dialógicas, em produções documentais, como parte do espectro de linguagens, gêneros, plataformas e construções criativas, tendo em vista este olhar problematizador e transformador da realidade.

Muito se discute, atualmente, em relação às formas de interlocução entre os sujeitos sociais nos processos de sociabilidade. Em grande parte, a supremacia da virtualidade nessas relações, na atualidade, leva muitos autores a problematizar as

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Educação, professora do Curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet – da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-Ilhéus – BA). E-mail: bmvbbarreto@uesc.br.

dinâmicas e estratégias de convívio e contato entre as pessoas. Neste contexto, as velocidades vertiginosas das transformações sociotécnicas trazem uma percepção alterada dos tempos vividos e nas dinâmicas coletivas neles envolvidas. Citelli (2022, p. 1) afirma que a ampliação das inovações tecnológicas constrói novas inter-relações entre os indivíduos: “Desde a virada do século XX, o tema da velocidade sobrelevou-se carreando seja a exaltação futurista sejam os olhares desconfiados dos que enxergavam no culto à rapidez um equívoco capaz de comprometer o próprio devir humano”.

Já Rosa (2019) vaticina sobre como, na modernidade tardia, os vínculos sociais são eivados de signos como os da competitividade e da rapidez das mudanças nas posturas e comportamentos e evidencia que o rearranjo da ordem social e cultural, estabelecido sob lógicas de estabilização e reprodução dinâmicas, incide na condução da vida e nos padrões identitários dos sujeitos, como modos de alocação da sociedade. Para o teórico, a toda formação social impõe-se definições e regramentos distributivos de atribuição de valores não só de seus recursos materiais e produtos, como também de regalias e vantagens, além de distinção e reconhecimento (Rosa, 2019).

Nessa concepção, três aspectos prementes garantem a eficácia desse sistema de atribuição e privilégios: o crescimento, a aceleração e o adensamento de inovações. E Rosa (2019) os designa como traços peculiares da dinâmica estrutural da sociedade moderna, que “[...] se traduzem para o âmbito da condução subjetiva da vida por via da competição por atribuições: não apenas de bens e recursos, mas também de privilégios e posições, de status e reconhecimento, de amizades e parceiros amorosos”. Esta lógica abrange todos os espaços sejam eles educacionais, econômicos, políticos e culturais, dentre outros.

Bauman (2004) também critica a brevidade das interações sociais a partir da competitividade e rapidez, que traz consequências catastróficas para os relacionamentos humanos, pois a profusão das virtualidades arquiteta imbricamentos outros, principalmente em se tratando das relações presenciais e de suas diversas camadas de significados. O autor compreende que a conectividade exacerbada, vivida ubiquamente no mundo atual, desintegra possibilidades de convívio e vínculos mais aprofundados e perenes entre as pessoas. Nestas relações líquidas, torna-se mais importante a possibilidade de estar conectado e em contato do que a longevidade e significação do vínculo (Bauman, 2004).

O que nos leva a pensar no distanciamento e superficialidade presentes em conexões nas quais a quantidade e a rapidez tornam-se suas condições principais da existência. Bauman (2004) compreende, ainda, que essa proximidade virtual banaliza as conexões humanas, assim como as tornam, conseqüentemente, mais frequentes, intensas, breves e incapazes de se condensar em laços mais perenes. “Centradas no negócio à mão, estão protegidas da possibilidade de extrapolar e engajar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida — ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpetrar” (Bauman, 2004, p. 59).

Morin (1998, p. 49), por sua vez, percebe comportamentos assim como parte da crise existencial que nos encontramos neste processo civilizatório, que tem a dominação e individualismo como modelos que imperam no mundo ocidental. Diante desta dimensão de esvaziamento dos laços entre os sujeitos e deles em si, indubitavelmente, comunicação e relacionamento tornam-se aspectos distanciados um do outro, indo de encontro com nossa perspectiva intrínseca como seres humanos — a de sermos seres relacionais, pois a proximidade virtual exige muito menos esforço do que o engajamento necessário para construção e manutenção dos vínculos (Bauman, 2004).

Diante deste contexto, uma das principais dimensões de inter-relação humana é a perspectiva vincular do cuidado, que, para Boff (1999, p. 11), tem sido extremamente negligenciada diante dessa nova ordem social imposta — a da antirrealidade —, por ele compreendida como destrutiva à vida humana no que ela tem de elemento fundante: “[...] o cuidado e a com-paixão”. O filósofo infere que vivemos em uma sociedade do conhecimento e da comunicação e que, da maneira que se configura, se apresenta como uma ameaça à essência humana.

2. Em busca de uma comunicação dialógica: aposta transformadora

Diante desta concepção de mundo, a centralidade no pensamento de Freire (1987) ataca, frontalmente, as distorções percebidas desses processos sociais, da separação entre comunicação e relacionamento, e os diversos impedimentos para o alargamento das relações humanas, principalmente para a criação e manutenção de vínculos. O autor afirma veementemente que nós, seres humanos, não somos seres de contato, e sim de relações, pois os homens travam, no mundo, relações pessoais,

impessoais, corpóreas e incorpóreas. Assim, o mundo é uma realidade objetiva passível de ser conhecida. Ele percebe que o ser humano não apenas se encontra inserido no mundo, mas “com o mundo”. “Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (Freire, 1986, p. 39). Da mesma forma, os sujeitos percebem e interagem com a realidade que os cerca e com os outros indivíduos, vivenciando desafios a serem enfrentados socialmente, criando estratégias nesta convivialidade, no caminho da criticidade.

Portanto, a realidade é um desafio que se impõe ao ser humano. E ele, interagindo com ela, transforma-se, transformando-a. Este imbricamento acontece repleto de atravessamentos. Os sujeitos produtores refletem e agem sobre o real a partir da práxis. Esta é uma tarefa histórica, porque a realidade é uma realidade histórica. “Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na ‘invasão da práxis’, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade histórica é uma tarefa histórica, é tarefa dos homens” (Freire, 1987, p. 20).

Neste patamar, os processos comunicacionais tornam-se processos educativos por natureza, com problematizações do *status quo* e o enfrentamento à estandardização das relações, em prol de outra sistemática social, mais justa e cidadã para todas as camadas e classes sociais, numa perspectiva de transformação dos indivíduos e, conseqüentemente, da realidade, partindo de outra concepção de educação, conscientemente problematizadora, transformadora e praxiológica “sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. Com efeito, enquanto a atividade animal, realizada sem práxis, não implica em criação, a transformação exercida pelos homens a implica” (Freire, 1987, p. 52).

Pereira e Frossá (2021) traz a ideia de Mário Kaplún, que, coadunando-se com a perspectiva freireana, aproxima a prática pedagógica do processo de comunicação. Nesse sentido, Kaplún (2003) vê a relação entre educação e comunicação voltada ao desenvolvimento de agentes produtores e consumidores de uma educação crítica e participativa em prol da cidadania. Nesta condução, emerge uma postura autorreflexiva de como os sujeitos pensam seu tempo e seu espaço na sociedade e lançam outro olhar sobre as temáticas e demandas do seu entorno, alicerçando atitudes mais críticas e problematizadoras, tomando posição diante dos impasses (Pereira; Frossá, 2021).

Kaplún (2003) compreende a necessidade de arquitetar artefatos midiáticos como materiais educativos que devem facilitar e apoiar experiências mediadas de

aprendizado em determinado contexto, e não apenas como prerrogativas instrumentais. Para o autor, ancorado em Freire (1986, 1987), o aprendizado não apenas se restringe a um depósito informacional — um comunicado —, mas também acontece como experiência de mudança e enriquecimento de algum sentido, seja conceitual ou perceptivo, axiológico ou afetivo, de habilidades ou atitudes. É o que se dá quando indivíduos preparados para certos conceitos encontram situações que oportunizam o desenvolvimento desses conceitos (Resnick, 1996 *apud* Akhras, 2010).

Nessa tomada de consciência reside a construção do aprendizado pelos sujeitos. É na conscientização do entendimento sobre o que aprenderam que apreensões outras e novas concepções se efetivam para os educandos, que partem para resoluções sobre como irão perceber estes novos conhecimentos, em sua autorregulação no itinerário pedagógico de ensino e aprendizagem (Akhras, 2010). Em Freire (1987) este é o percurso de sedimentação de conhecimentos, com o qual, praxiologicamente, os sujeitos se posicionam diante do mundo e da realidade, e agem conscientemente munidos com o que aprenderam.

3. A potência educativa do documentário como experiência comunicativa

Esta indexação com a realidade e a sua problematização são componentes inerentes ao documentário, como gênero audiovisual que mergulha nas existências dos sujeitos sociais em busca de interpretações. Para Teixeira (2004 p. 19), “O campo do documentário diagrama-se como uma vasta e polifônica rede de produções urdida na correlação da descoberta e invenção, tradição e transformação”. Nichols (2005, p. 26) propõe que todo filme é um documentário, inclusive os filmes ficcionais, e eles expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Nesta seara, é preciso avaliar afirmações, reivindicações, argumentações e pontos de vista, para decidirmos se são merecedores de nossa credibilidade. Para o autor, é justamente a discussão sobre como sabemos e acreditamos que as coisas são na realidade que molda os pressupostos do documentário como experiência comunicativa (Nichols, 2005).

Esta apreciação insere o documentário em um campo de atribuição de sentidos que envolve o comprometimento do documentarista e do seu público ao seu redor, e isso se espelha na perspectiva freireana de compreender a relação dos indivíduos com o

sua conjuntura, superando a dicotomia homem-mundo, percebendo não o homem no mundo, mas com o mundo e com os outros homens. E assim, concernente a isso, existir é a pronúncia do mundo, para modificá-lo (Freire, 1987).

Para Nichols (2005), esta é a dimensão indexadora da imagem impregnada no real, mesmo com a participação direta do documentarista na construção do mundo, já que se pressupõe que seus sons e imagens se originem do mundo histórico compartilhado, que extrapola os limites da produção audiovisual. E, deste modo, ele registra uma forma de olhar a realidade. É isso o que o teórico entende como o estímulo à epistefilia, nos convidando a conhecer mais sobre a vida e o mundo, a partir de uma lógica formativa, uma retórica persuasiva, uma poética comovente, que prometem informação e conhecimento, descobertas e consciência (Nichols, 2005).

Mais uma vez convergindo com Freire (1987), o entendimento de Nichols (2005) reverbera uma noção educativa e formativa para o gênero, indo em direção à problematização do real e se constituindo como um instrumento pedagógico com potencial de disparar ações mobilizadoras dos sujeitos sociais.

Por conseguinte, é fundamental pensar a constituição do meio dentro dos moldes da ética, para que sua narrativa não seja tendenciosa ou falaciosa. Sob esta abordagem, várias questões circulam ao redor do documentário. Ramos (2008) compreende os princípios éticos como um conjunto de valores, pertinentes e coerentes entre si, oferecendo uma perspectiva de mundo que ampara a valoração da influência do sujeito nesse mundo. Com isso, a tendência contemporânea de se pensar numa ética dentro do campo representa a concepção de um olhar mais alargado, partindo do respeito e da alteridade para os grupos representados, principalmente as minorias, assim como para o público receptor.

É uma ética centrada na desconstrução da subjetividade da voz que enuncia, com o documentarista e o espectador estabelecendo uma interação a partir da fruição e tendo como cerne o confronto com o mundo, partindo da antevisão da articulação narrativa. O eixo central desta sistemática define-se pelo posicionamento do sujeito e de sua câmera em relação ao mundo e do modo como o espectador vai interpretar isso (Ramos, 2008).

Em relação à proposta intervencionista na realidade, Salles (2005) salienta que, mesmo diante da multiplicidade de formas do fazer documental, que poderia gerar um problema para o campo, é na fé que o realizador tem na compreensão do espectador sobre suas declarações sobre o mundo histórico que reside o contrato ético do gênero.

Este interpretado como um índice do mundo real e um documento que pode ser lido a partir de sua gramática audiovisual, seu enredo, organização, retórica e estrutura narrativa sólida. É importante lembrar que o documentário não pretende reproduzir o real, mas apenas falar sobre ele (Salles, 2005).

Esta é uma ética dialógica, compreendida como essência do encontro do Eu com o Outro. Jacinto (2021) ancorada no filósofo Martin Buber, concebe como essencial o encontro entre o documentarista e os sujeitos representados, e também com o seu público, tendo como elemento aglutinador a alteridade. Nessa premissa, o foco se encontra na representação de interesses dos grupos sociais.

Neste sentido relacional, trabalhando as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso, Buber (1977, p. 5), parte do envolvimento dos sujeitos com o mundo quando experienciam este mundo: “O homem explora a superfície das coisas e as experiencia. Ele adquire delas um saber sobre a sua natureza e sua constituição, isto é, uma experiência”. Mas os sujeitos não vivenciam apenas as coisas, eles também, até com mais intensidade, vivenciam a relação com outros sujeitos, com o Eu correspondendo ao próprio indivíduo, e Tu, que se refere às outras pessoas. “As palavras-princípio não exprimem algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas elas fundamentam uma existência” (Buber, 1977, p. 3). Portanto, o par de palavras-princípio seria o EU-ISSO, e o vocábulo ISSO representa tudo o que não seja do TU.

Em termos de produções documentais, Jacinto (2021) categoriza instâncias relacionais entre os realizadores e as pessoas filmadas, salientando que nem todos os processos são dialógicos e abertos. Muitas posturas coisificam e objetificam os sujeitos representados, desumanizam suas identidades e despersonalizam suas experiências, perfazendo uma condição EU-ISSO em muitas propostas de produção. Em contrapartida, ela também aponta que se podem soerguer dinâmicas dialógicas, verdadeiros encontros entre os sujeitos — possibilitando uma relação EU-TU —, respeitando-se a alteridade das pessoas apresentadas em tela (Jacinto, 2021).

Ela apresenta quatro estágios desta relação, sendo o primeiro denominado de “Eu Aparência com isso” (Jacinto, 2021). Neste modo, criticado por ela, instaura-se uma relação autoritária e discursiva entre os interagentes do processo comunicativo, com o documentarista tendo uma visão fechada do tema e dos sujeitos apresentados. Aqui, o ator social é de um grupo diverso ao do cineasta, sendo percebido apenas como um personagem a ser manipulado. Na condução tripolar entre o documentarista, o

sujeito social representado e o público, o posicionamento do realizador é o de “Eu falo deles para você”, com o distanciamento, também, do público-alvo em relação aos atores sociais, com a “apropriação do Outro para a sustentação do discurso-monólogo do Eu que está preocupado mais com a sua aparência” (Jacinto, 2021, p. 71).

Numa segunda linha, aparece a categoria “Eu aparência-Tu aparência”, na qual o idealizador também assume uma conduta fechada e egótica, sendo que os atores sociais, desta vez, fazem parte do mesmo grupo que o documentarista (Jacinto, 2021). Nesta situação, a ideia passada para o espectador, que pertence a um contingente diferente dos outros dois, é a de que “Eu (ou nós) falamos de nós para você”. Aqui também se impõe uma visão restrita e hierárquica dos indivíduos representados. Desta vez “o Eu se revela como condutor de seu discurso utilizando seus pares para compor a narrativa que se apresenta como egótica. Isso porque contempla a sua perspectiva sobre o mundo histórico, oferecendo aos espectadores um discurso específico” (Jacinto, 2021, p. 81). O objetivo é contemplar seu próprio grupo social. Mesmo que considere a tentativa de levar seu discurso a outros âmbitos, seu conteúdo é restritivo ao contemplar apenas uma ou poucas vozes como lugar de fala.

Uma terceira via é o da correspondência “Eu-Isso com Tu-Aparência”. Esta acontece quando o idealizador faz parte de um grupo social distinto ao do ator social e não se faz perceber para o receptor, dentro da narrativa, destacando, como voz principal do discurso, a dos sujeitos filmados (Jacinto, 2021). Nestas circunstâncias, o documentarista se restringe ao papel de tradutor do discurso do outro dentro do enredo do filme: “É, portanto, um Eu-Isso (objeto)” (Jacinto, 2021). Relacionado ao público, esta proposta visa direcionar-se ao grupo social do realizador, muitas vezes ligado aos problemas sociais, e intenciona provocar questionamentos a partir de outras vozes argumentativas. “Apesar da postura ética almejada, já que visa a alteridade por meio de sua narrativa, o filme é discursivo, uma vez que contempla apenas um lugar de fala” (Jacinto, 2021, p. 83).

E, por fim, temos a categoria “Eu-Ser com Tu”. Nela, o cineasta pertence a um grupo social distinto dos indivíduos filmados e insere-se no contexto tanto quanto eles. Ele assume sua responsabilidade diante do mundo representado, interagindo com ele e com os indivíduos a ele pertencentes. O eu-ser documentarista mostra diferentes perspectivas tanto suas quanto do grupo social representado. “É, portanto, também ator social de sua obra. O Outro é tratado como parte essencial para as reflexões em uma

relação equilibrada e respeitosa entre as partes” (Jacinto, 2021, p. 83). É, assim, uma narrativa dialógica que intenciona alcançar públicos diversos em diferentes esferas sociais. Sua intencionalidade converge para possibilidades reflexivas e problematizadoras da realidade do mundo histórico, com uma diversidade de sujeitos e de lugares de fala.

Nessa concepção, é possível perceber a viabilidade de dinâmicas narrativas, dentro do gênero documentário, que possibilitem perscrutar caminhos construtores de uma ética dialógica pautada na alteridade, respeito, diversidade, criticidade, problematização e consciência entre os sujeitos.

4. Últimas palavras com o olhar para o devir

Refletir sobre as conexões possíveis na construção de documentários que assumam, indelevelmente, sua condição como artefato educativo, formativo, ético e voltado para a conscientização dos sujeitos sociais, se faz cada vez mais imperioso para aqueles que intentam transitar por seus caminhos discursivos. Não basta a imersão na realidade ou um protagonismo individualista do olhar e da escuta, de maneira excludente e centralizadora.

As ponderações trazidas até aqui demonstram a pujança do desafio investigativo sobre a temática e de suas interfaces, posto que suas implicações espraiam por múltiplos âmbitos da vida social e da constituição dos comportamentos dos sujeitos sobre sua realidade e na criação de laços com o outro. A perspectiva dialógica torna-se uma alternativa às posturas apassivadas, individualistas, descontextualizadas, objetificadoras, competitivas, superficiais, consumistas e alienadas, impostas por padrões hegemônicos que precisam ser problematizados e enfrentados, para sua superação. A ética dialógica abre caminho para que se ensejem novas trilhas rumo a transformações realmente significativas de produções que busquem desnudar o real para transformá-lo em uma sociedade mais condizente com a nossa essência como seres humanos, no qual aconteçam e permaneçam, verdadeiramente, encontros inter-humanos entre os sujeitos numa relação EU-TU.

5. Referências

AKHRAS, Fábio Nauras. Uma perspectiva teórica para o documentário como cinema de aprendizado. **DOC On-line**, Covilhã, n. 9, p. 108-124, dez. 2010. Disponível em http://www.doc.ubi.pt/09/artigos_fabio.pdf. Acesso em: 21 dez. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano — compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Editora Moraes, 1977.

CITELLI, Adilson. Interveniências tecnotemporais em processos educacionais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO INTERCOM, 45., 2022, João Pessoa. **Anais eletrônicos**...São Paulo: Intercom, 2022. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0731202209024962e66f69582b4.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

JACINTO, Thífani Postali. **Documentário de ética dialógica**: a explicitação do encontro entre documentaristas e atores sociais. 2021. Tese (Doutorado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: <https://sistema.funarte.gov.br/tainacan/teses-e-dissertacoes/documentario-de-etica-dialogica-a-explicitacao-do-encontro-entre-documentaristas-e-atores-sociais-dialogical-ethics-documentary-explicitness-of-the-encounter-between-documentarists-and-social-act/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KAPLÚN, Gabriel. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v.27, p. 46-60, maio/ago. 2003. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1998.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2005.

PEREIRA, Fabiana da Costa; FOSSÁ, Ivete. Pedagogias de Paulo Freire: educando para a cidadania com protagonismo na comunicação. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, ano 26, n. 2, p. 29-42, jul./dez. 2021 Disponível em <https://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/12202/2212>. Acesso em: 10 dez. 2023.

RAMOS, Fernão Pessoa Ramos. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Cainby. **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. São Paulo: Edusc, 2005. p. 57-71.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil**: tradição e transformação. São Paulo: Editora Summus, 2004.